

# Relato de uma viagem ao mundo dos mortos

O escritor José Cardoso Pires conta em 'De profundis, valsa lenta' como escapou de um acidente vascular cerebral

*0/6/90*  
**De profundis, valsa lenta** de José  
Cardoso Pires. Editora Bertrand  
Brasil, 80 pgs. R\$12

*23/5/90*  
Antônio Torres

**J**osé Cardoso Pires não chega a ser um nome familiar a esta nação, pelo menos não tanto quanto o de outro Zé seu contemporâneo, o Saramago. Embora louvado pela nossa melhor crítica e admirado por muitos de seus pares neste lado do Atlântico, seu círculo de leitores por aqui não vai muito além dos meios acadêmicos e literários. Em Portugal, porém, tornou-se um nome que beira o mitológico — e isso praticamente desde a sua estréia, em 1949, com "Os caminheiros e outros contos".

Ou a partir da publicação de seu romance "O hóspede de Hob", em 1963, laureado com o Prêmio Camilo Castelo Branco e traduzido em muitas línguas. E aí, já com sete títulos e um nome feito, passou a ser unanimemente reconhecido pelo universalismo e pela originalidade de sua obra. Uma obra que revigorava as letras lusitanas, inserindo-as na modernidade. De lá para cá, enriqueceria a literatura portuguesa com romances memoráveis, como "O delfim", "Balada da praia dos cães" e "Alexandra Alpha".

José Cardoso Pires está na praça com uma jóia preciosa de sua insuspeitável ourivesaria, uma peça rara que é, antes de mais nada, uma inquestionável contribuição ao patrimônio artístico do

mundo lusofônico. E tudo isso embalado num volumezinho de apenas 80 páginas, que você pode usufruir em menos de uma hora, sem pestanejar. Título: "De profundis, valsa lenta".

Começa assim: "Janeiro de 1995, quinta-feira. De roupão e de cigarro apagado nos dedos, sentei-me à mesa do pequeno-almoço onde já estava a minha mulher (...) Acho que dei os bons-dias e que, embora calmo, trazia uma palidez de cera. Foi numa manhã cinzenta que nunca mais esquecerei, as pessoas a falarem não sei de quê e eu a correr a sala com o olhar, o chão, as paredes, o enorme plátano por trás da varanda. Parei na chávena de chá e fiquei. Sinto-me mal, nunca me senti assim, murmurei numa fria tranqüillidade. Silêncio brusco. Eu e a chávena debaixo dos meus olhos. De repente viro-me para a minha mulher: 'Como é que tu te chamas?' Pausa. 'Eu? Edite'. Nova pausa. 'E tu?' 'Parece que é Cardoso Pires', respondi então".

## Perda da memória foi o primeiro sintoma

Naquela manhã, aos 70 anos, Cardoso Pires deparava-se, "numa fria tranqüillidade", com o prenúncio da morte, da qual escapou para contar como foi. Tudo começou com a repentina perda da memória, quando ele "se viu vivendo como se fosse uma terceira pessoa observando a si mesmo", como escreve Fausto Wolff, na orelha do livro. Tratava-se de um acidente vascular cerebral de

gravidade muito acentuada, conforme o relatório neurológico do médico João Lobo Antunes, autor do prefácio de "De profundis, valsa lenta", outra peça de impressionante qualidade literária.

Seu caso chegou a ser anunciado como morte cerebral. Ou morte branca, como viria a defini-la o próprio Cardoso Pires. Sua recuperação foi espantosa. Entrou para o rol dos mistérios insondáveis, dos casos milagrosos, fadados a se tornarem lendários. Como se ele tivesse morrido mesmo. E renascido. O próprio médico João Lobo Antunes (irmão de outro importante escritor português, Antônio Lobo Antunes) não encontra nenhuma explicação objetiva. Aventa duas hipóteses: a primeira, um cérebro otimista; a segunda: a sorte.

Nas ruas de Lisboa há quem queira fazer Cardoso Pires acreditar que foi Deus quem o salvou, tanto quanto lhe perguntam como é o outro mundo, a vida no outro lado, já que ele esteve lá. E se decepcionam — ou ficam indignadas — quando ele dá respostas nada católicas, digamos assim. O que não impede seu livro de ser um estrondoso sucesso, tendo, de cara, ultrapassado a casa dos cem mil exemplares vendidos — e isso num país pequeno, de cerca de 10 milhões de habitantes. E o melhor é que não se trata de livro de auto-ajuda ou esotérico. A não ser que se considere a auto-ajuda do seu "cérebro otimista".

No início dessas linhas ressaltamos a modernidade do texto de

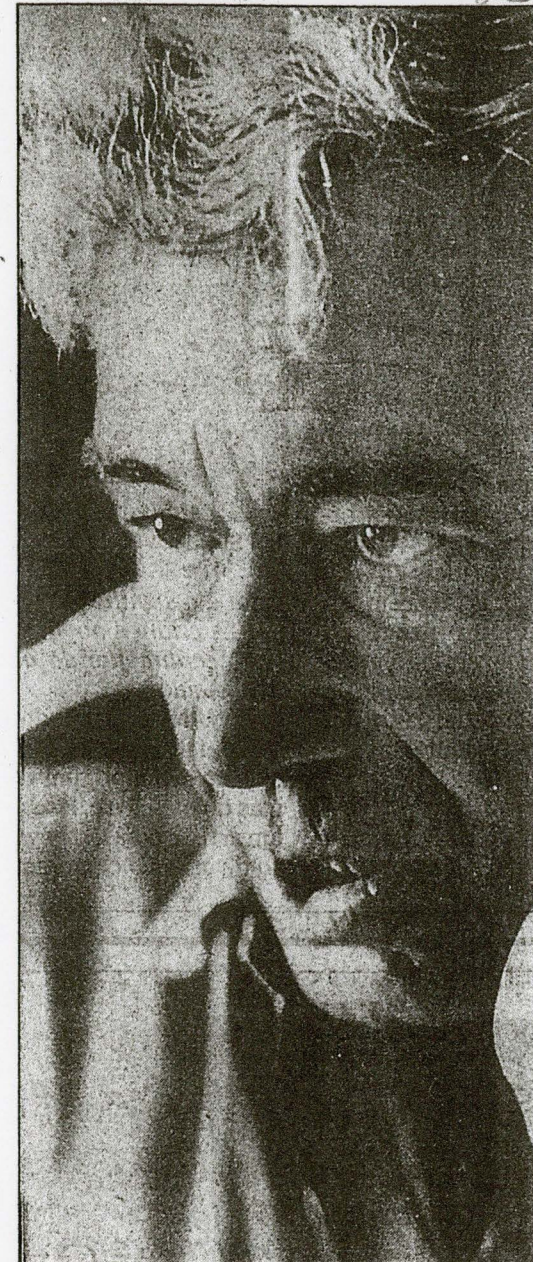
Cardoso Pires. Ele contribuiu, e muito, para tirar a literatura portuguesa do bolor, espanando-lhes os pós do beletrismo, o ranço do paleio dos comendadores. Essa sua virtude, para além de muitas outras do exímio romancista, contista e ensaísta que ele sempre foi, salva o seu relato de descambar pelo melodrama até o rés-do-chão da pieguice. Por ser um artista como poucos, desdramatizou uma história que viveu como tragédia.

## Uma comédia do medo, com tons surrealistas

Em alguns momentos conta-a como comédia. A comédia do medo, diz seu surpreendido e surpreendente médico Lobo Antunes. Pois não é mesmo hilário o diálogo que ele registra, entre seus dois companheiros de quarto? Um deles diz que sonhou que o médico decifrava a sua cabeça de tampa aberta e que, do meio dos miolos, saía um monte de borboletas. "De vespas, quer você dizer", responde o outro, rindo baixinho. A conversa prossegue deliciosamente surrealista.

Eis aí: Cardoso Pires quase empacotou, ou esteve empacotado, mas não perdeu o seu senso de humor. Impossível terminar sem lembrar aqui um livro brasileiro: "Veia bailarina", de Ignácio de Loyola Brandão. São vivências parecidas. E vitoriosas. Na vida real — e na literatura. ■

ANTÔNIO TORRES é romancista, autor de "O cachorro e o lobo"



JOSÉ CARDOSO Pires: relato sem dramas de uma *viagem ao mundo real*